

CRÔNICA DE UMA FESTA LITERÁRIA NO DIREITO

Aprendi muitas coisas com Warat. Uma delas foi que também há vida inteligente no direito. Outra delas foi pensar o direito através da literatura, do cinema, da música, da filosofia, da antropologia, etc. Pois, na semana passada, tive o prazer de participar de um importante evento – I Colóquio Internacional de Literatura (CIDIL) – que comprovou ambas as lições de Warat e cuja fantástica experiência aproveitei para, agora, socializar por meio desta crônica.

Durante três dias, em Passo Fundo – a capital nacional de Literatura –, mais especificamente nas dependências da Escola de Direito da IMED, reuniram-se alguns dos principais nomes que vêm se dedicando às pesquisas jurídicas de viés interdisciplinar, além de centenas de estudantes, vindos de todas as regiões do Brasil.

Na quarta-feira (03/10), à noite, após a solenidade de abertura (nem todos os protocolos puderam ser transgredidos), houve a conferência inaugural, proferida por Calvo González, meu grande amigo, que de há muito vem fazendo incursões jurídicas na literatura. Trata-se de um ícone dos estudos jusliterários no cenário internacional. Como defini na ocasião: “Calvo é um espanhol que, recentemente, foi a Moscou para falar aos russos sobre Tolstoi”.

O tema abordado foi seu mais recente e inédito trabalho: “O direito curvo” (o livro será publicado em breve no Brasil). Partindo da premissa de Nietzsche (“todas as coisas retas mentem; toda verdade é curva”) e de um belo conto de Machado de Assis (*Sereníssima República*), o renomado professor de Málaga recordou as históricas aspirações geométricas dos juristas, relacionou a teoria jurídica (Kelsen) ao cubismo (Picasso), introduziu as ondulações sofridas pelo direito flexível (Carbonier), dúctil (Zagrebelsky), frágil (Arnaud), solúvel (Belley) e, ao final, defendeu a necessidade de se reconhecer o paradigma do “direito curvo”.

Na sequência, tive a honra de coordenar a conversa cruzada “Kafka e o Direito” – realizada no formato *talk show* –, que contou com a participação das professoras Vera Karam (sempre bem acompanhada de Benjamin e Derrida) e Ivânia Aquino (por cuja presença foi preciso plear junto à reitoria da UPF, que compreendeu a importância de sua liberação para o sucesso do evento), com quem debati acerca das infinitas interpretações dos textos de Kafka, sua biografia e formação jurídica, a atualidade das obras *O processo* e *A colônia penal*, a irracionalidade e as metamorfoses no direito, etc.

Findas as atividades, comida farta e bons vinhos no consagrado Solar do Glória. Uma verdadeira orgia gastronômica... (dizem que, após voltar ao Sergipe, a Miriam ainda não decidiu se irá processar Baco ou Dionísio, por perdas e danos).

Na quinta-feira (04/10), pela manhã, mas não tão cedo (por razões óbvias), rompendo o protocolo, Carlinhos Tabajara (do Grupo de Teatro “Timbre de Galo”) interpretou um trecho da obra *Os ratos*, de Dyonélio Machado, ao som das bachianas brasileiras de Villa-Lobos.

Em seguida, realizou-se o painel “*A literasofia* de Luis Alberto Warat”. Ninguém melhor do que Albano Pepe para nos falar do Gordo e contar acerca de suas andanças juntos. Warat não pôde vir ao evento (alguém contou que ele tinha um encontro com Borges, Quijote e Dali), mas certamente esteve presente, o tempo todo. Mauro Gaglietti, com o bom humor de sempre, e seu promissor aprendiz, Fernando Tonet, discorreram a respeito do legado waratiano, seja no campo da mediação, seja no campo da formação de uma dogmática jurídica crítica.

À tarde, tivemos apresentação de trabalhos, com destaque para a presença das “gurias do Piauí”, Rosália Mourão e Silvana Pantoja, além do pessoal de Sergipe, Goiás, Distrito Federal, São Paulo, Paraná, Santa Catarina e de todas as regiões do Rio Grande.

À noite, mais uma grande conferência. Desta vez, Vicente Barreto – com todo o sotaque que lhe é peculiar – falou sobre as “grandes narrativas do direito”. Escolheu Dostoiévski, mais especificamente *Crime e castigo* e *Os irmãos Karamázov*. Abordou a questão do crime, da culpa e da punição, comprovando minha tese de que algumas narrativas literárias são mais importantes para o estudo do direito do que a grande

maioria dos manuais jurídicos.

Em seguida, houve a segunda conversa cruzada: “Shakespeare e o Direito”. Com a brilhante atuação do mediador, Fausto Moraes (grande conhecedor da teoria de Alexy), realizou-se um belo e descontraído debate sobre a obra de Shakespeare, especialmente *O mercador de Veneza*. De um lado, Dino del Pino, com as finas ironias de sempre, buscou apresentar as informações que preparara em dezenas de fichas sobre cinco peças de Shakespeare, não obstante as insistentes interrupções do mediador. De outro, o talentoso Cristiano Paixão tratou do enigma que gira em torno da vida de Shakespeare e sua relevância para a compreensão do direito, tentando “voltar ao tema” sempre que a conversa perdia o rumo.

Após uma longa (mas agradável) jornada de trabalho, “jantar por conta da FIFA”, dizia o Fausto, convocando a todos para mais um banquete no Solar do Glória. Há boatos de que esta noite só terminou com o nascer do sol, quando o último bar da cidade fechou suas portas. Talvez um dia o Albano possa esclarecer isto...

Na sexta-feira (04/10), pela manhã, os lenianos Chico Motta, Maurício Ramires e Jäder Marques participaram do painel “Romance em cadeia e o modo de produção das decisões judiciais”. O primeiro (vítima de *bullying* por ser o único a usar gravata em um evento deste tipo) esclareceu a metáfora empregada por Dworkin em sua obra, para sustentar a integridade do direito, e o papel dos princípios nas teorias jurídicas contemporâneas. O segundo contou uma série de “estorinhas” (*cases*, para os americanos; *causos*, para os gaúchos) a partir das quais mostrou como se constroem as decisões no sistema da *common law*, destacando a importância das fundamentações. O terceiro, por fim, aproveitou a ocasião para, com poesia, homenagear os presentes através da leitura de um texto que escrevera no longínquo ano de 2006: “Albano, o outro. Por uma gramática do amor sentido”.

À tarde, uma nova rodada de apresentação de trabalhos, com destaque para os estudantes membros do Kathársis – Centro de Estudos de Direito e Literatura da IMED, que discutiram em altíssimo nível as obras de J.-M. Coetzee, Leonardo Sciascia, Arthur Miller, Herman Melville e Sandor Marai.

Na última noite do colóquio, com a simpatia de sempre, Angela Espindola conduziu a conversa cruzada “Camus e o Direito” com dois ilustres convidados. De um lado, Henriete Karam (brilhante psicanalista e uma das maiores conhecedoras de Proust, além de prima da Vera e, coincidentemente, minha mãe) buscou contextualizar historicamente a obra de Camus, caracterizando-a através da chamada literatura do absurdo. De outro, Jacinto Nelson de Miranda Coutinho, meu “grande” amigo e por quem tenho uma admiração especial, abordou a falta de sentido que atravessa a personagem Mersault e, de certo modo, todo o direito contemporâneo. Com o entusiasmo e a indignação de sempre, Jacinto criticou a irresponsabilidade dos tribunais, as incoerências do sistema, o julgamento do mensalão e o ensino jurídico que assolam o país.

Na conferência de encerramento, após o lançamento de seu último livro (*Ocassio iuris*, Ed. Boiteux, 2012), Calvo González apresentou sua *teoria narrativista do direito*, baseada na idéia de que o discurso jurídico é dotado da mesma ficcionalidade que as narrativas literárias. Simplesmente, genial!

Registro, por fim, os ausentes que estiveram presentes conosco, durante todos os momentos: Luis Alberto Warat, Honoré Daumier, Lenio Streck, Jacques Lacan, Alexandre Morais da Rosa, Ronald Dworkin, Rafael Tomaz de Oliveira, Machado de Assis, Carlos Cárcova e Alicia Ruiz, Richard Posner, Aldacy Coutinho, Sigmund Freud, Marcelo Cattoni, Zé Bolzan, Thomas Hobbes, Leonel Rocha, Sófocles, Salo de Carvalho, François Ost, Cancellier de Olivo e o pessoal do Literato, Fernando Pessoa, Oscar Niemeyer, além dos colegas da Italian Society for Law and Literature.

A todos, meus sinceros agradecimentos pela experiência, pela convivência e pelo inestimável aprendizado. Espero poder reencontrá-los na segunda edição do colóquio, prevista para outubro do ano que vem.

Passo Fundo, 06 de outubro de 2012.

Prof. Dr. André Karam Trindade